

# RELENDO QUADROS E KARNOPP 2004: A REPRESENTAÇÃO DAS ESTRUTURAS SINTÁTICAS DA LIBRAS NA LÍNGUA PORTUGUESA E AS SUAS IMPLICAÇÕES

Claudio Alves Benassi<sup>1</sup>  
Anderson Simão Duarte<sup>2</sup>  
Ermelinda Maria De-Lamonica-Freire<sup>3</sup>  
Fábio Vieira de Souza Júnior<sup>4</sup>

## RESUMO

A LIBRAS é amplamente difundida e pesquisada, fazendo com que estudiosos se debrucem sobre questões ainda complexas que merecem sua atenção, levando seus questionamentos ao conhecimento das comunidades usuárias da LIBRAS, como também a reveem segundo as mudanças que ocorrem no uso da língua no meio social, sendo que a língua só é viva na interação. Isso nos leva revisar e (re)enunciar alguns postulados da obra que reconhecemos ser o resultado de um dos maiores estudos linguísticos da Língua Brasileira de Sinais. A obra analisada é utilizada como fundamentação, e ainda outros pesquisadores como Duarte e Lopes, Duarte, e Pimenta.

**Palavras-chave:** linguística, libras, gramática da libras, língua de sinais.

### 1. Primeiras palavras: Quadros & Karnopp 2004: os primeiros passos da gramática da LIBRAS

A Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002, reconhece a LIBRAS como sendo uma língua e legitima-a como meio de comunicação e expressão das comunidades surdas do Brasil. Sancionada pelo então presidente da república Fernando Henrique Cardoso, a lei prevê o apoio ao uso e a difusão da LIBRAS por meio do poder público.

---

<sup>1</sup> Artista pesquisador, pós graduando *Lato Sensu* em LIBRAS pela UNIASSELVI. Mestrando em Estudos de Cultura Contemporânea, pela UFMT. Editor da Revista Diálogos e CODIMUS E-mail: caobenassi@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutorando em LIBRAS, pelo Programa de Pós-graduação REAMEC, pesquisador, professor de LIBRAS do curso de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT. Editor da Revista Diálogos. E-mail: anderson.uf.libras@gmail.com

<sup>3</sup> Doutora em Ciências Biológicas, pesquisadora, professora do Centro Universitário de Várzea Grande-MT – UNIVAG, estudante de LIBRAS. E-mail: dindamadinha@yahoo.com.br

<sup>4</sup> Pós-graduando em LIBRAS pela FEICS, formado em Licenciatura em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT. E-mail: fabiovieirajunior@hotmail.com

Dois anos após a sua promulgação, surge a obra *Línguade Sinais Brasileira: estudos linguísticos*, que, ao longo de uma série de artigos, será objeto de um estudo de revisão à luz dos novos paradigmas da gramática da Língua brasileira de sinais - LIBRAS. Consideramos que a referida obra – cuja importância para a área da linguística da LIBRAS não pode ser negada – deve ser revista, em virtude das mudanças que sofridas, mudanças estas, inerentes à própria língua. Portanto, faremos apontamentos e proporemos uma nova releitura a respeito de alguns dos exemplos mostrados pelas autoras.

Para Duarte e Padilha (2012),

[...] a Língua Portuguesa é para aluno surdo uma segunda língua, sem códigos ideológicos de imagens, o que difere completamente de sua língua materna, a Libras, que se manifesta de forma espacial e visual, compondo processos de interação através dos enunciados (sinais) (p. 317).

Para os autores acima mencionados, o conhecimento é construído e ressignificado por meio da prática, repetição e treinamentos em que um indivíduo adquire familiaridade com novos conteúdos, sendo que se dá, segundo os autores, da mesma forma que o processo de aprendizagem de uma segunda língua – L2, pela pessoa com surdez.

Esses pesquisadores apontam ainda que caso o surdo venha ter um contato com uma forma peculiar de escrita da Língua Portuguesa – doravante LP –, passará a reproduzir tais modelos. Prática que trará consequências danosas ao educando, pois, segundo a legislação vigente, a LIBRAS não substitui a manifestação da escrita LP.

Logo, o surdo que reproduz tal procedimento, conseqüentemente, está permeando as margens sociais, logo, barrado em processos seletivos para concursos públicos ou em seleção para ingresso em instituições de ensino público em nível superior, pois a escrita da LP na esfera acadêmica não admite outra forma senão a formal.

Antes de vermos alguns exemplos da escrita que é caracterizada pelas autoras na tentativa de representar a LP – exemplos presentes na obra de Quadros e Karnopp (2004) – discutiremos brevemente os conceitos de enunciado e diálogo, numa perspectiva bakhtiniana.

## 2. Breve discussão sobre os conceitos de enunciado e diálogo segundo Bakhtin

O enunciado é, para Bakhtin o principal ator na concepção de linguagem. Isso porque a linguagem é concebida de um ponto de vista histórico, cultural e social, que inclui a comunicação efetiva e os sujeitos e discursos que nela se envolvem (BRAIT e MELO, 2008, p. 65). Para Bakhtin “toda e qualquer atividade humana está diretamente ligada à linguagem” (BAKHTIN, 2003, p. 261).

Para Bakhtin (2003), os

[...] enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo seu estilo de linguagem, ou seja, pela relação dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo pela sua construção composicional (p. 261).

Enunciar-se é dirigir-se a alguém, é estar voltado para algum destinatário. Todo enunciado pressupõe uma resposta. Nas palavras bakhtinianas, toda compreensão do enunciado – não o enunciado estático, dicionarizado, mas o enunciado vivo, carregado das entonações do falante – é de natureza ativamente responsiva, ou seja, “toda compreensão é prenhe de respostas” (BAKHTIN, 2003, p. 271).

Para Benassi, Duarte e Padilha (2012, p. 53), “um enunciado é constituído por uma quantidade variada e diferenciada em forma de signos que se (re)significam no momento da comunicação entre seus sujeitos”. Bakhtin e Volochínov (2010, p. 101) entendem que “toda enunciação, mesmo na forma imobilizada na escrita, é uma resposta a alguma coisa e é construída como tal”. Na construção de um enunciado verbal, a palavra é essencialmente ideológica, sendo que para Bakhtin e Volochínov (2010, p. 99) “a palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial”. Bakhtin enfatiza que o sentido de um enunciado se constrói com o outro, isto é, retoma um enunciado anterior.

No discurso, o *outro* não precisa ser necessariamente um indivíduo da mesma espécie que a minha, muito menos ter materialidade física. Conforme Bakhtin, o ato do contato com o *outro* se estrutura sob alguns elementos, sendo eles: um sujeito que age, um lugar onde este sujeito age e um momento em que age.

Para Duarte, essa tríade representa a lógica da interação, assim sendo, cada signo serve às relações sociais existentes entre os sujeitos, à necessidade de interação. Referimo-nos ao ato de agir, do real, do concreto (DUARTE, 2011, p. 43). Quando falamos em interação, na relação que se firmar entre o meu eu e o outro, estamos nos colocando no campo dialógico.

O diálogo não é apenas uma maneira de se comunicar, também não é somente o contato verbal entre dois ou mais indivíduos. Pode-se, segundo Bakhtin, estabelecer diálogos nas mais diversas formas de comunicação, utilizando-se de variadas formas de linguagem.

Para Duarte (2011),

O diálogo não é somente uma forma de comunicação, tampouco o contato verbal entre dois ou mais indivíduos. O diálogo, para Bakhtin, é a alma da interação, portanto, da compreensão ativa entre os interlocutores, é a própria intimidade da interação e a da comunicação entre os homens (DUARTE, 2011, p. 41).

Se o meu *outro*, segundo Bakhtin, pode ser ou não como eu, possuir ou não um corpo físico, um diálogo pode ser travado entre pessoa *x* pessoa(s), pessoa *x* objeto(s), pessoa *x* animal(ais), e assim por diante. Posso então estabelecer um diálogo com uma obra de arte, tendo compreensão ou não das intenções enunciadas pelo autor. Até mesmo a incerteza, a dúvida e não identificação com a obra de arte para Bakhtin, é certamente uma resposta que resulta num diálogo, em uma interação.

O diálogo poderá também existir no meu eu, ou melhor dizendo, nos meus *eus*, interiormente, ao estabelecer relações de uma área de conhecimento com outra, um diálogo. Tomamos este ambiente também como um dos muitos espaços onde ocorre o diálogo, “onde há confrontação das mais diferentes refrações<sup>5</sup> sociais expressas em enunciados de qualquer tipo e tamanho postos em relação” (FARACO, 2009, p. 62).

O diálogo não consiste somente numa forma de comunicação, ou em um simples contato verbal entre os interlocutores. Ele é, para Bakhtin, a alma da interação, ou seja, da compreensão ativa entre os interlocutores, é a própria intimidade da interação e da comunicação estabelecida entre o eu e o outro (DUARTE, 2011, p. 41).

---

<sup>5</sup> Ver *Refração* em BAKHTIN, Mikhail. M. O Discurso no Romance. In \_\_\_\_\_. *Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance*. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini et al. 5. ed. São Paulo: Hucitec: Annablume, 2002c, p. 71-210.

Entendemos então que vários diálogos nesta obra foram travados. Em primeiro lugar, ressaltamos o diálogo existente entre as duas pesquisadoras. Reconhecemos que dividir a autoria de um determinado texto não é uma tarefa simples. O ato criador é por si só, segundo Salles (2009), carregado por uma aura de desprazer, enquanto uma criação solitária, sendo ainda pior naquela compartilhada, visto que, se não houver uma afinidade muito grande na forma de se pensar, vários problemas podem daí surgir.

Outras formas de diálogos surgem então se olharmos o texto em questão pelas lentes conceituais bakhtinianas: o diálogo existente entre as áreas de conhecimento envolvidas: LIBRAS e Língua Portuguesa<sup>6</sup>. E nos atrevemos a citar ainda, aquele existente entre o fotógrafo e a usuária da LIBRAS, pois as imagens são também uma abordagem dialógica na obra.

As autoras se utilizam de imagens para exemplificar regras da gramática da LIBRAS. Fotos em preto e branco com os sinais referentes ao enunciado no qual se explicam as regras gramaticais da língua de sinais, seguidas por um texto explicativo. Estes exemplos serão retomados neste texto, no intuito de corroborar com as autoras, para que não tenhamos modelos que nos remetam a interpretações duvidosas.

Outro ponto que será revisto neste texto refere-se à transcrição da LIBRAS em Língua Portuguesa. Os exemplos são colocados de duas formas: na primeira, dados estão estruturados como se estrutura a LIBRAS. Esta, por apresentar estrutura semântica diferente, faz com que a frase transcrita em LP seja agramatical.

Na segunda, a frase usada como exemplo está escrita corretamente, seguindo as normas gramaticais da LP, muitas vezes adicionando informações que não estão presentes nos enunciados imagéticos. Ao passar para o próximo tópico, apresentaremos os exemplos, analisando-os, apontando-os, logo, sugerindo novas propostas de exemplificações que melhor definam as regras da LIBRAS tendo como instrumento os Números Semânticos - NS.

### **3. O problema da transcrição**

No exemplo abaixo, as autoras tentam transcrever a ordem sintática da LIBRAS em LP. Nota-se que as palavras apresentadas em LP não correspondem a uma forma

---

<sup>6</sup> Doravante LP.

gramatical na mesma, pois estão estruturadas na ordem sintática da LIBRAS<sup>7</sup>. Vemos que o enunciado não se configura como pertencente a nenhuma das duas línguas em questão, apesar de ser perceptível que as palavras nele utilizadas pertencem à LP e a ordem sintática à LIBRAS. Devemos nos atentar, ainda, para alguns detalhes que marcam a confusão instalada para cada signo, e o que se pretende ensinar ou aprender.

### **Cerca gato sentar dormir-na-cerca**

(QUADROS e KARNOPP, 2004, p. 208)

Segundo Duarte e Padilha (2012, p. 318),

a) O surdo não tem referências sonoras (fonemas) para entender tal transposição, o porquê, por exemplo, de se negar de forma visual os artigos. Libras não tem artigos, mas eles existem em Língua Portuguesa. Isso levará, certamente, o aluno surdo a ignorar os artigos em seus textos. [...] c) Por que desestruturar a forma semântica da Língua Portuguesa? Ou seja, é preciso apresentar ao surdo uma forma semântica correta e que de fato existe em seu contexto social. O interessante seria valorizarmos a LP assim como valorizamos a LS, oferecendo aos surdos a oportunidade de aprender como qualquer outro estudante aprenderia uma segunda língua.

Suscitamos então a mesma preocupação. Entendemos que não haveria motivos para se utilizar tais transcrições em uma obra que se objetiva a discutir e estudar a linguística da LIBRAS. Cremos que seria mais apropriado desenvolver um outro sistema de representação sintática da LIBRAS, que demonstraremos no tópico de número 4.

As autoras, noutro exemplo encontrado na página 209, colocam: *JOÃO TELA PINTAR-PINCEL* e, logo abaixo, *João pinta a tela com o pincel*. Temos a seguir uma reprodução do enunciado por elas utilizado. Nota-se, na figura de número 01, o uso da datilologia para a representação do sujeito que pratica a ação. Esse recurso é, segundo Duarte e Lopes (2012, p. 31), usado somente para marcar no discurso nomes próprios, palavras em destaque ou em situações muito específicas, em que segundo Quadros e Karnopp (2004, p. 80), “palavras do português podem ser emprestadas à língua de sinais

---

<sup>7</sup> Convém lembrar que a LIBRAS possui uma gramática própria, que em muito se difere da LP, sendo que uma não está subordinada a outra. A LIBRAS, por exemplo, não apresenta artigos, preposições, verbos de ligação e desinências verbais.

brasileira, via soletração manual”, como por exemplo as palavras: COPO, SHOW, OI, entre outras.



Figura n. 01<sup>8a,b</sup>. JOÃO TELA PINTAR-PINCEL (João pinta a tela).

Na sequência aparece o sinal que designa TELA que acreditamos tratar-se de um sinal regional, pois difere do sinal dicionarizado, estrutura esta de fundamental importância para a constituição da LIBRAS. Por último aparece o sinal que designa “pintar com um pincel”.



Figura n. 02<sup>9</sup>. IXCOMPRAR CARRO. (El@ comprou um carro).

No enunciado imagético acima (Figura n. 02), as informações contidas são exatamente “Ele compra um carro”. Nas imagens, o verbo está conjugado no tempo presente, pois não há na imagem a sinalização do tempo verbal PASSADO, tampouco, o FUTURO. Em LIBRAS, quando não se faz a sinalização do tempo verbal, conjuga-se o verbo no tempo presente. No entanto, esse será assunto para outro texto desta série.

<sup>8a</sup> Fotos: Uma colaboração de Bruna Vittorazzi Duarte Leal. Acadêmica do curso de Letras – Habilitação em Literatura, monitora de LIBRAS.

<sup>3b</sup> Ordem sintática constituída pelas autoras Quadros e Karnopp (2004).

<sup>9</sup> Ordem sintática constituída pelas autoras Quadros e Karnopp (2004).

Na transcrição do exemplo da figura nº 02, há o uso do sinal arroba e uma nota explicando que o @ (arroba) na palavra ELE é para possibilitar a duplicidade na identificação de gênero, ou seja, indefini-lo. Acreditamos que tal prática pode ser dispensável, pois cremos que poderia suscitar a falsa ideia de que é impossível transmitir ou conceituar gênero em LIBRAS.

Esse é um conceito simples de ser compreendido. Toda vez que um locutor referenciar um sujeito no discurso e não incluir o sinal de MULHER (figura n. 03), estará se referindo a um indivíduo do sexo masculino, ou a uma forma generalizada, a ambos os gêneros. Havendo a aplicação do signo MULHER, o locutor estará se referenciando a um elemento específico.



Figura n.03. Sinal de mulher.

### **3. (Re)enunciando Quadros e Karnopp 2004: apresentação dos mesmos exemplos citados pelas autoras com propostas de uso e aplicação dos Números Semânticos – NS.**

Dado o panorama da atual conjuntura do ensino, diversas pesquisas surgem no intuito de parametrizar e orientar de forma mais abrangente, práticas pedagógicas antes restritas aos ambientes escolares, especializadas em atender o público estudantil com determinadas limitações.

Nesse contexto, surgem pesquisas como a que tem norteado a produção deste artigo<sup>10</sup>, no intuito de amenizar os problemas que são comuns a determinados momentos do ensino, pois, como qualquer outra área do conhecimento, a educação não

---

<sup>10</sup> Trata-se da pesquisa acadêmica do professor doutorando Anderson Simão Duarte, que desenvolveu um recurso didático chamado Números semânticos, que elimina o sistema de transcrição da ordem semântica da LIBRAS em língua portuguesa (Benassi, no prelo).



escapa de conviver e de se defrontar com constantes situações problemáticas que são peculiares ao atual momento (LOUREIRO, 2003, p. 108).

Notamos, na obra analisada, a ocorrência da transcrição da ordem sintática da LIBRAS em LP. Isso pode levar pesquisadores e professores de LIBRAS a acreditar e até defender que o surdo não conjuga verbos em LP porque os verbos nas LIBRAS não apresentam desinências verbais, e que a forma de escrever a LP com os verbos no infinitivo, utilizada e defendida por muitos usuários da LIBRAS, seja correta.

Escrever verbos no infinitivo é tão somente o reflexo do ensino proporcionado por um educador que não consegue conduzir o aprendizado do seu aluno, tornando-o um mero reprodutor de modelos equivocados, comprometendo as estruturas semânticas das línguas envolvidas.

Para Ferreira (2010),

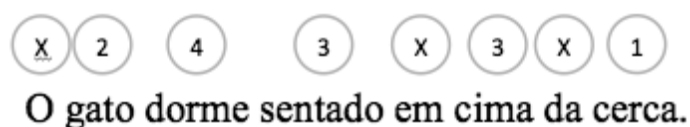
Tudo isso realça ainda mais a importância desta modalidade de língua para o surdo. As crianças surdas precisam adquiri-la, ou seu acesso às estruturas linguísticas abstratas será atrasado ou mesmo impedido. Se forem limitadas ao aprendizado da língua oral que as cerca, seu aprendizado será em geral restrito a conceitos concretos, visto que tal língua é adquirida muito lento e incompletamente, devido à dificuldade de recepção do *input necessário* (p. 158. Grifos da autora).

A utilização dos Números Semânticos é um recurso didático proposto pelo pesquisador Duarte. Consiste em colocar um círculo em cima de cada palavra escrita: dentro deste círculo, o aluno ouvinte, estudante de LIBRAS como segunda língua, nota a ordem sintática da mesma, o que permite a ele visualizá-la sem desestruturar a LP.

O aluno surdo que estuda a modalidade escrita da LP como segunda língua irá notar a sua ordem sintática, por se tratar de um recurso visual, isso facilitará seu aprendizado. Tal recurso possibilita ainda um registro visual para consultas anteriores. As partículas não sinalizadas em LIBRAS devem ser sinalizadas com um “X”.

Outros pontos da obra em questão podem e devem ser discutidos, como por exemplo, o uso da dêixis que ora é apresentada de uma forma ora de outra. A partir deste momento, passamos a apresentar os mesmos exemplos dados pelas autoras, utilizando imagens organizadas de acordo com os recentes apontamentos da gramática de LIBRAS, e ainda usaremos os números semânticos para demonstrar a ordem sintática da LIBRAS, sem fragmentar as estruturas da LP.

Citamos em primeiro lugar o exemplo da página 208. As autoras colocam: CERCA GATO SENTAR DORMIR-NA-CERCA. Com o uso dos números semânticos teremos então, a frase em LP e em cima de cada palavra um círculo onde é notado um número que corresponde à ordem de sinalização dos sinais. Os círculos notados com um “X” marcam partículas que não são sinalizadas na língua de sinais. Os NS notados com os mesmos números caracterizam a incorporação de sinais, respeitando as regras gramáticas da LIBRAS.



Nota-se que é possível demonstrar as estruturas sintáticas da LIBRAS sem desestruturar as da LP. As estruturas de ambas as línguas são respeitadas em suas peculiaridades de forma íntegra, não sendo necessárias construções agramaticais da LP.

Na sequência, passamos ao exemplo *JOÃO TELA PINTAR-PINCEL*. Para (re)enunciar esta frase, utilizaremos também imagens. No terceiro sinal (pintar com o pincel), usamos a configuração de mão em “U”, seguindo as orientações de Capovilla, Raphael e Mauricio (2009, p. 1752), “mão em U, palma para a esquerda, na altura do rosto. Movê-la para baixo com movimentos sinuosos e curvando os dedos”, como pode ser observado na figura n. 04.



Figura n. 04.

Retomamos o enunciado em que destacamos o uso do @ (arroba) como recurso (desnecessário, a nosso ver) utilizadas pelas autoras para indefinir o gênero.

Apresentamos então as frases, primeiramente indicando o gênero masculino (figura n. 05) com a ação em curso, pois a não sinalização do gênero antecedendo o substantivo, leva à compreensão de que se trata do gênero masculino; em segundo lugar, o feminino (figura n.06) marcado com o sinal de MULHER antes do substantivo, indicando o gênero feminino.

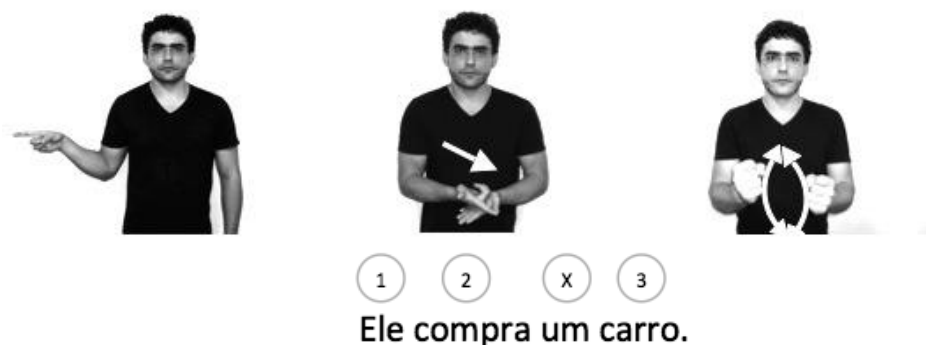


Figura n. 05

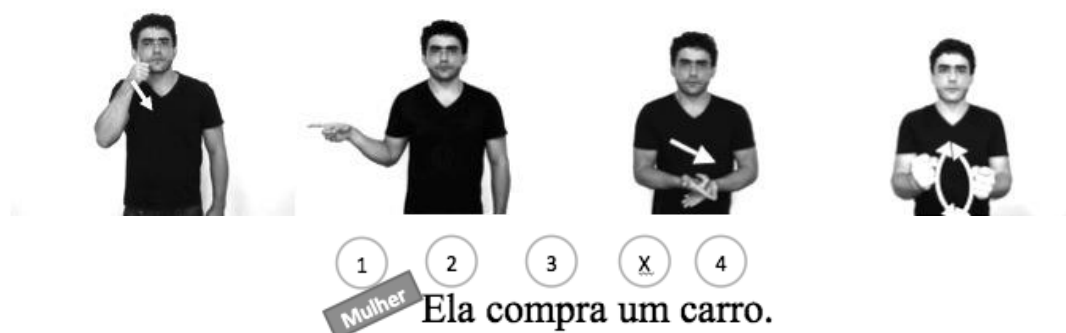


Figura n. 06

É importante ressaltar que, se o sujeito apontado estiver presente no cenário discursivo, não haverá a necessidade de tal sinalização indicando o gênero, uma vez que será do conhecimento dos interlocutores que se trata de uma mulher.

## 5. Últimas palavras: considerações gramaticais importantes

A obra *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos* é do ano de 2004, dois anos após a lei que legitimou a LIBRAS como língua, portanto, um dos primeiros livros que se propõe a discutir a linguística da LIBRAS. Sua relevância para os estudos linguísticos e gramaticais não pode ser questionada, no entanto, alguns apontamentos

contidos na obra devem ser revistos, uma vez que a língua, segundo Bakhtin e Volochínov (2010) não é estanque.

Decorridos oito anos dos primeiros estudos realizados em âmbito nacional a respeito da LIBRAS, notamos a mudança de algumas regras que norteiam a linguística da LIBRAS. Como pode ser visto ao longo deste texto, a transcrição das estruturas sintáticas da LIBRAS em LP torna seu entendimento dúbio, podendo levar a interpretações duvidosas quanto à maneira do surdo escrever o português, comprometendo a semântica de ambas as línguas.

Defendemos que o surdo não tem escrita própria do português. Nossas experiências no ensino de LP para surdos apontam que essa forma peculiar do surdo escrever o português não é senão reflexo do despreparo do alfabetizador e professor de LP, desde do processo ensino-aprendizagem da alfabetização ao ensino da LP nos níveis do Ensino Fundamental e Médio.

Outrossim, reafirmamos que o ensino de LP para surdos está se dando de forma equivocada. Essa língua está sendo ensinada como Língua materna, quando, na verdade, a LP para surdos se configura como L2, ou seja, segunda língua, e deve ser ensinada de forma imagética. A questão LM – (Língua materna) ou L1 – (Primeira língua) do surdo é complexa e de difícil compreensão, pois muitos surdos são filhos de pais ouvintes, e em seus lares só é usada a LP como meio de comunicação, a qual, embora o mesmo não compreenda na sua totalidade, seria, em tese, sua primeira língua.

Temos ainda aquele sujeito que nasceu ouvinte e tornou-se surdo. Por estas e outras questões que futuramente poderão ser discutidas mais profundamente, admitimos o uso do termo Língua de conforto – LC para nos referirmos a língua na qual o surdo melhor se expressará.

Recorremos às palavras de Ferreira (2010, p. 158) para afirmar que, em lugar de marginalizar o surdo, o uso da língua de sinais gera a iniciação do educando com surdez ao mundo que o cerca, pois lhe possibilita obter as informações e conceitos misteres para sua participação nas atividades sociais diárias.

Remetendo-nos à preocupação anterior quanto à transcrição, defendemos o uso dos Números Semânticos, que têm atendido aos objetivos propostos. Notamos que nas aulas, tanto de LIBRAS para ouvintes quanto de LP para surdos, esse recurso didático tem eliminado o sistema de transcrições da LIBRAS em LP de forma satisfatória.

## Referências

- BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. 4ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, M. M; VOLOCHINOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. 14. ed. São Paulo: 2010.
- BENASSI, C. A; DUARTE, A. S. PADILHA, S. de J. *Libras no ensino superior: sessenta horas para aprender a língua ou para saber que ela existe e/ou como se estrutura*. Revista de Letras Norteamentos. v. 5, n. 10, 2012.
- BRAIT, B; MELO, R. de. Enunciado/enunciado concreto/enunciação. In: *Bakhtin conceitos chave*. São Paulo: Contexto, 2008.
- BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de outubro de 2001. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, 18 jan. 2002. Seção 1, p. 31.
- CAPOVILLA, F. C; RAPHAEL, W. D; MAURICIO, A. C. L. *Novo Deit-Libras: dicionário enciclopédico ilustrado trilingue*. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, Inep, CNPq: CAPES, 2009. Vol. I e II.
- DUARTE, A. S. Ensino de libras para ouvintes numa abordagem dialógica: contribuições da teoria bakhtiniana para a elaboração de material didático. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem). Cuiabá: Universidade Federal de Mato, 2011. 327 p.
- DUARTE, A. S; LOPES, T. R. *Múltiplas linguagens: língua brasileira de sinais*. Cuiabá: UAB/EdUFMT, 2012.
- DUARTE, A. S; PADILHA, S. de J. *Relações entre língua de sinais e língua portuguesa em materiais didáticos: a notação pelos números semânticos*. *Revista Virtual de Estudos de Linguagens - ReVEL*, v. 10, n. 19, 2012.
- FARACO, C. A. *Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- FERREIRA, L. *Por uma gramática de línguas de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 2010.
- LOUREIRO, A. M. A. *O ensino de música na escola fundamental*. Campinas: Papirus. 2003.
- QUADROS, R. M; KARNOPP L. B. *Língua brasileira de sinais: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- SALLES, C. A. *Gesto inacabado: processo de criação artística*. 4ª edição. São Paulo: FAPESP Annablume, 2009.

# **REREADING QUADROS AND KARNOPP 2004: A REPRESENTATION OF THE LIBRAS SYNTACTIC STRURES IN PORTUGUESE LANGUAGE AND IT'S IMPLICATIONS**

## **ABSTRACT**

The Brazilian Sign Language is widely disseminated and researched, making scholars to focus on complex issues that deserve your whole attention, and not only take their concerns to the attention of communities users of Brazilian Sign Language, as well as reviewing the changes that occur in the use of language in social environment, since the language is only alive in interaction. This leads us to revise and (re)set out some principles of work that we believe to be the result of one of the greatest linguistic studies of Brazilian sign language. The work itself questioned is used to substantiate this text, as well as studies by other researchers as Duarte and Lopes, Duarte and Pimenta.

**Keywords:** linguistics, libras (brazilian sign language), libras grammar, sign language.

Recebido em 28/02/2013.  
Aprovado em 26/06/2013.